



Retorno às aulas começou ontem oficialmente mas prolonga-se até à próxima semana

LEONEL DE CASTRO/GLOBAL IMAGENS

“O dia da entrada [na escola] foi dramático. Chorei sem parar”

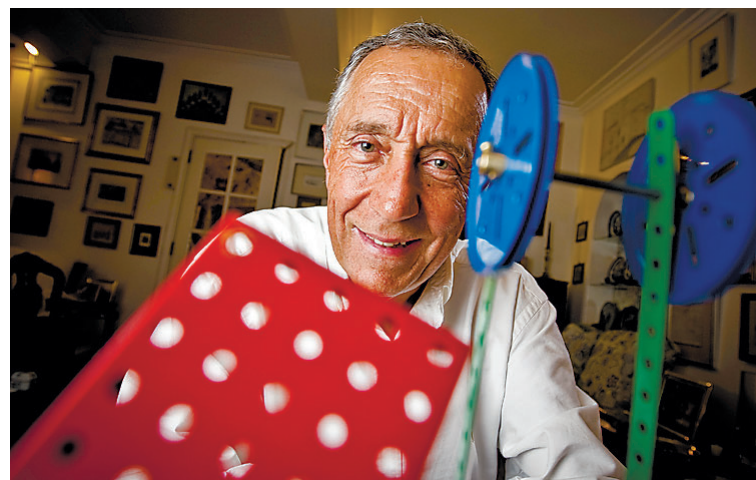
TESTEMUNHO Marcelo Rebelo de Sousa conta como foi inaugurar uma escola, com um ano e meio. E conhecer o colega Eduardo Barroso

Em bom rigor, Marcelo Rebelo de Sousa – comentador, político, mas sobretudo o homem que a maioria dos portugueses trata por “o professor” – anda em escolas e salas de aulas há quase seis décadas e meia. Uma dedicação ininterrupta, que começou com um ano e meio. Uma idade invulgarmente baixa. Sobretudo para a época em causa.

“Foi no longínquo ano de 1950, em outubro”, recorda ao DN. “Abria uma nova, O Lar da Criança”, uma escola “criada por uma dissidente do formativo jardim-escola João de Deus.”

Berta Ávila de Melo – era esse o nome da “dissidente”, apesar de os seus alunos a tratarem por “Bertinha” – ainda não tinha forma de o saber, mas o projeto pedagógico que acabara de lançar viria a revelar-se um verdadeiro viveiro de figuras de relevo do País.

“Entravam para a primária crianças que seriam famosas mais tarde, como João Caraça, Nuno Fernandes Thomaz e Rúben de Carvalho”, recorda o professor ca-



ORLANDO ALMEIDA/GLOBAL IMAGENS

Professor não gostou do primeiro dia. Mas ficou até hoje

tadrático da Universidade de Lisboa.

Marcelo não entrou para a primária. Ainda não tinha idade para isso. Foi estrear o pré-escolar. Também tendo por companheiro um futuro famoso. “Para a infantil, entrámos o Eduardo Barroso e eu. Ambos com ano e meio, ou um pouco mais. Porque as nossas mães trabalhavam.”

O primeiro dia de escola deixou poucas memórias a Marcelo. Mas os relatos que lhe foram feitos não dão propriamente conta de um amor à primeira vista: “A minha

mãe contou-me, mais tarde, que o dia da entrada foi dramático”, admite. “Chorei sem parar. Não querendo ficar naquele andar da Rua da Imprensa, com uma varanda minúscula que servia de recreio. Mas fiquei. Até hoje”, acrescenta, numa alusão à carreira académica e aos alunos que recusa abandonar, por mais solicitações que tenha. A infantil, a primária e a universidade passaram. Mas ficaram: “Porque, como professor que fui e sou, nunca mais a escola deixou de ser o centro da minha vida.” P.S.T.

Professores Estabilidade para ensinar

Paulo Guinote, professor de História e *blogger*, defende que, mais do que de grandes reformas ou medidas, as escolas e os professores precisam de estabilidade para atingirem os seus objetivos: “É fundamental encontrar um rumo claro e estável para alguns aspetos nucleares para o trabalho nas escolas e nas salas de aula”, avisa. “Não podemos continuar a reformar ou revolucionar o currículo, os programas e metas, o sistema de colocação de professores, de organização e aprovação das turmas ou a gestão das escolas e agrupamentos”, enumera.

Com largos anos de experiência em escolas públicas, o também historiador considera que os resultados obtêm-se através da continuidade das práticas e não das “revoluções” nas políticas: “As ideias e fórmulas, apresentadas como quase mágicas, para gerir o sistema público de ensino, para produzir sucesso, para racionalizar recursos, não podem aparecer, desaparecer após um ou dois anos, ou generalizar-se a partir de microexperiências sem a devida avaliação. É indispensável que as mudanças sigam cronogramas ponderados e não ciclos políticos ou humores ministeriais”, diz, acrescentando: “Sem isso, é inútil tentarmos saber se as coisas estão a melhorar



Paulo Guinote é professor e *blogger*

ou estabelecer comparações com o que se passa lá fora.”

À incerteza nas políticas, Guinote soma a das práticas: “Não podemos continuar a deixar alunos, famílias, funcionários e professores inseguros até agosto de cada ano, sem saber se têm escola aberta, se determinada turma é autorizada, se o professor é colocado, se o manual dos alunos carenciados chega a tempo das aulas, se existem os apoios que são devidos aos alunos com diversos problemas de aprendizagem”, diz. “Sem estabilidade, não há segurança, capacidade de concentração, confiança. E essa confiança não se constrói sobre falsos discursos de uma ‘normalidade’ que é enunciada e não praticada.”

Diretores “Arriscar” uma autonomia real

As promessas de maior “autonomia” para as escolas são recorrentes nos programas eleitorais de cada Governo que chega ao poder. Mas para José Eduardo Lemos, diretor da Secundária Eça de Queirós, na Póvoa de Varzim, e presidente do Conselho das Escolas, essas promessas não passam disso mesmo: “Há uma espécie de discurso sobre autonomia e descentralização administrativa que não se encaixa na realidade”, lamenta, apontando precisamente o excesso de “ruído” causado pelas muitas decisões do poder central como um dos problemas a eliminar nas escolas do País.

“No fundo, não adianta estabelecer grandes metas, grandes objetivos para a educação, que apenas serão realizáveis a médio longo prazo, enquanto não se reduzir o ruído, que é constante e perturbador, que existe no sistema”, considera, desafiando os governantes a “arriscarem” dar às escolas uma “verdadeira” autonomia. O que passa por limitarem o peso que as decisões centrais continuam a ter no dia a dia dos estabelecimentos.

“Não há nenhuma meta que as escolas possam perseguir se estiverem sistematicamente a ser perturbadas”, insiste. “Há ruído na gestão dos recursos humanos, sis-



José Eduardo Lemos representa escolas

temática falta de avaliação das medidas tomadas. Por exemplo, no processo de constituição de novos agrupamentos”, ilustra.

Os agitados concursos de professores deste ano são outro exemplo do que, na opinião de José Eduardo Lemos, constitui uma medida do Governo que prejudica as escolas e os seus diretores: “O sistema de colocações este ano é ininteligível e imprevisível”, acusa. “Chegamos a ter casos de pessoas que foram colocadas onde não deviam”, conta, referindo-se às notícias que dão conta de professores aos quais foi atribuído serviço em escolas que não tinham pedido essas colocações nem têm espaços livres nos seus horários para atribuir. “Temos de eliminar o ruído constante.”